



FaE
Faculdade de Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI
HABILITAÇÃO CIÊNCIAS DA VIDA E DA NATUREZA (CVN)

REGINA RODRIGUES DA MOTA
LUCIENE RODRIGUES DA SILVA NEVES

OS PERCURSOS ACADÊMICOS REALIZADOS NA ALDEIA PRATA

Belo Horizonte – MG

2023



FaE
Faculdade de Educação

REGINA RODRIGUES DA MOTA
LUCIENE RODRIGUES DA SILVA NEVES

OS PERCURSOS ACADÊMICOS REALIZADOS NA ALDEIA PRATA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências da Vida e da Natureza no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas.

Orientadora: Profa. Dra. Cláisse Maria Castro de Alvarenga

Belo Horizonte – MG

2023

AGRADECIMENTOS

Ter a oportunidade de estudar é maravilhoso. Agradecemos primeiramente a Deus por estar nos concedendo mais esta conquista em nossas vidas e por ser fiel em cada momento e nos capacitar para chegarmos até aqui, pois sem a sua graça e sua proteção isso não seria possível. Agradecemos também por cuidar da nossa família enquanto estávamos longe.

Agradecemos aos nossos pais e às nossas famílias pois o seu carinho, força, incentivo foram essenciais para a realização desse sonho. A vocês a nossa mais sincera gratidão por estarem sempre presente em cada momento dessa caminhada. Vocês são a nossa base e inspiração.

Agradecemos a nossa comunidade, a Escola Oaytomorim, aos entrevistados, à liderança e vice liderança da nossa Aldeia, e todo povo Xakriabá pela luta incansável pela garantia e melhoria de nossos direitos dentro e fora da aldeia. Pois a nossa luta não é individual e sim coletiva, da mesma forma são as nossas conquistas.

Aos nossos mestres, bolsistas, equipe do FIEI/FAE/UFMG, pelo acolhimento, carinho, compreensão e seus conhecimentos compartilhados, que foram pertinentes para a nossa formação acadêmica, profissional e pessoal.

A nossa orientadora Cláisse Alvarenga que nos auxiliou muito bem no desenvolvimento desse percurso apesar da correria do dia a dia ela sempre buscou nos ajudar na medida do possível então deixamos aqui nossos agradecimentos.

E para finalizar não poderia deixar de agradecer a nossa turma pela amizade que construímos nesses anos de faculdade e pelos grandes momentos que podemos compartilhar com cada um.

RESUMO

Este trabalho de finalização de curso apresenta informações sobre os percursos acadêmicos da Aldeia Prata, destacando a participação da comunidade no mesmo, com suas diversidades de saberes entre eles os conhecimentos do Sr. Valdemar, que aparece em vários trabalhos. Realizamos leituras dos trabalhos de percursos realizados com a participação da Aldeia Prata afim de conhecer um pouco mais de cada tema pesquisado e fazer a reunião dos mesmos comparando a semelhança que há entre eles. Realizamos leituras de livros indicados pela orientadora. Para melhor compreendermos realizamos duas entrevistas com pessoas da aldeia para entendermos a visão dos moradores sobre o nosso tema. A partir deste trabalho nosso objetivo foi mostrar para nossa comunidade o quanto sua contribuição vem sendo essencial na formação de docentes no FIEI/UFMG sobretudo valorizando os conhecimentos que vem dos nossos ancestrais. Esperamos que esse trabalho seja uma contribuição para a nossa comunidade da Aldeia Prata e para o povo Xakriabá em geral.

Palavras-chave: Aldeia prata; Xakriabá; valorização; conhecimento; percurso.

ARIĀTĀ

LISTA DE FIGURA

Figura 1-Imagen da autora Regina Abril de 2023	9
Figura 2- Imagem da autora Luciene Maio de 2023	12
Figura 3- Mapa do Território Xakriabá	16
Figura 4- Escola Nova Aldeia Prata	18
Figura 5- prédio Escola Antigo Aldeia Prata.....	19
Figura 6- Patio da Escola Antiga Aldeia Prata	Erro! Indicador não definido.
Figura 7- Oficinas de confecção de bonecas na Escola.....	21
Figura 8- Pesquisa de Campo Aldeia Prata	22
Figura 9- entrevistado SR. Valdemar	31
Figura 10- Entrevistada Professora Hilda.....	33

SUMÁRIO

NOTA SOBRE AS AUTORAS	8
SOBRE A AUTORA REGINA:	8
SOBRE A AUTORA LUCIENE	11
INTRODUÇÃO	14
CONHECENDO A DAZAKRU KTERÃKÂ DE PERTO	15
1.1 O Território Xakriabá	15
1.2 A ALDEIA PRATA.....	16
CAPÍTULO 2.....	23
2. OS PERCURSOS ACADÊMICOS REALIZADOS NA ALDEIA PRATA	23
2.1 Percursos acadêmicos	23
2.2 Apresentação dos percursos.....	25
Processamento do pequi.....	25
Roupas de palhas tradicionais Xakriabá	25
Analise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa Escola da Aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.....	26
Extrativismo, agricultura e construção: A diversidade dos solos da Aldeia Prata (território indígena Xakriabá).....	26
Plantas medicinais da Aldeia Prata no território Xakriabá: resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais.....	27
Escola indígena Oaytomorim: relação com território Xakriabá e práticas educativas interculturais.	28
Waihuku Xakriabá: O acervo de saber do povo Xakriabá em construção.	28
2.3 Contribuição desses trabalhos para nós	29
CAPÍTULO 3	31
3. DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES DOS PERCURSOS	31
3.1 Sr. Valdemar	31
3.2 Hilda.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	36
ANEXO:	37
ROTEIRO	37

Entrevistas.....	38
Entrevista 2	46
Resumo dos trabalhos	49
RESUMO DOS LIVROS	52

NOTA SOBRE AS AUTORAS



SOBRE A AUTORA REGINA:

Me chamo Regina Rodrigues da Mota, sou casada e tenho 22 anos de idade. Nasci no dia 14 de janeiro de 2001, no hospital da cidade de Manga. Sou filha de Izabel Rodrigues da Mota e Osvaldo Almeida da Mota, tenho 7 irmãos sendo 4 homens e 3 mulheres. Desde que nasci sempre morei na Aldeia Prata, na Terra Indígena Xakriabá, no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais.

Tenho boas lembranças da minha infância. Apesar de algumas dificuldades isso não nos impedia de ser feliz. Lembro-me que quando era criança brincava com meus irmãos, com os vizinhos e primos. A gente se dava muito bem. Nós mesmos inventávamos algumas formas para brincar. Lembro que a gente fazia carrinho de lata, fazia bola com sacolas, com meias, e com uma arvore chamada barriguda. No tempo dos frutos nativos a gente saia para o mato perto de casa para coletar esses frutos, também adorava jogar bola na chuva, fazer bonecos e objetos de toa (um tipo de barro, argila), fazíamos balanço nas galhas das árvores entre outras brincadeiras.

Com 4 anos de idade comecei frequentar a E.E Indígena Oaytomorim da Aldeia Prata encostada porque não tinha idade para fazer a matricula ainda. Eu estava muito animada para começar logo, aí fui um dia, mas não me deixaram ficar porque era muito nova. Eu queria

ficar para estudar mesmo assim, mas não pude ficar naquele dia. A minha primeira professora foi tia Joana, a professora mais velha de nossa aldeia, pessoa que tenho enorme admiração e respeito até hoje pela sua forma de nos ensinar. Ainda lembro de alguns momentos que tive quando estudava com ela, as músicas que a gente cantava quando chegava alguma visita na sala, quando a aula terminava, das brincadeiras entre outros momentos, alguns não me lembro com clareza, mas as memórias que tenho são muito boas.

Sempre gostei de ir para a escola. Tenho muito orgulho de ter estudado na escola indígena e com professores indígenas. A minha infância e juventude dentro da comunidade foi dedicada aos estudos. Sempre fui frequente nas aulas e gostava muito do modo de ensinar dos professores, porque não era só um estudo entre quatro paredes, tinha várias formas da gente aprender. Umas delas era a aula prática onde a gente aprendia a fazer alguns objetos da nossa cultura e também fazíamos passeios de campo conhecendo o nosso território, as plantas, rodas de conversa com os anciões e contadores de histórias. A escola também se reunia para fazer ações para a comunidade, também participávamos dos momentos de rituais da comunidade do grupo de cultura, que serve para resgatar a nossa cultura, e também contribuímos com a comunidade quando precisava. Até hoje eu participo dos festejos, pratico esporte como futebol que é um esporte muito praticado dentro da aldeia, entre outros, estou sempre ajudando no que posso.

Formei no ensino Médio em 2018 com 17 Anos de idade e fiz a inscrição para o FIEI. No ano seguinte (2019) com apoio e incentivo da minha família e dos professores fiz o vestibular do FIEI pois era meu sonho entrar pra faculdade. Tinha sido a primeira vez que eu fazia uma inscrição e fiquei muito feliz por ter conseguido prestar o vestibular e conseguir ser classificada para cursar o FIEI na área de Ciências da Vida e da Natureza, dentro da UFMG umas das melhores universidades do Brasil. Esta área “Ciências da vida e da Natureza” é uma área da qual eu sempre gostei de estudar e por coincidência no ano que fiz o vestibular a habilitação ofertada era essa.

Entrar pra faculdade foi uma grande experiência pra mim, foi um momento que fiquei mais tempo longe do meu território. Em 2019 que foi o ano que iniciei o curso e fiquei 5 semanas em Belo Horizonte em meu primeiro módulo presencial que foi um módulo cheio de coisas novas, experiências e aprendizados, onde pude conhecer outros povos e trocar experiências. Após esse primeiro módulo fiquei ansiosa para o próximo que seria no ano

seguinte, mas infelizmente estávamos enfrentando o período da pandemia de covid 19 que já se encontrava presente em diversas parte do mundo. Por esse motivo e para proteção de todos tivermos que adaptar a uma nova forma de trabalho e ensino para não ficarmos prejudicados pois o curso não podia ficar parado. Foram 2 anos de estudo remoto. foi um momento difícil pois eu tive que adaptar a outros meios de estudo que eu não estava acostumada, mas apesar das dificuldades também foi um momento que tive a oportunidade de aprender coisas novas, aprendizados esses que serviram para toda minha vida. Após esses 2 anos, em 2022 retornamos a fazer nossos encontros presenciais através de muita parceria entre professores, alunos e nossos representantes do povo Xakriabá.

Resumindo em poucas palavras só tenho gratidão pela minha história e pelo que vivi até aqui. Agradeço, primeiramente a Deus, a meus pais e toda família que sempre esteve do meu lado me dando apoio e sempre me incentiva a seguir em frente e nunca desistir dos meus objetivos. Agradeço a todos meus professores, direção da escola Oaitomorim e toda comunidade Escolar pelos ensinamentos e por ter me ensinado com muita dedicação e por ter me capacitado para hoje eu estar aqui ocupando este espaço e ser fruto da educação escolar indígena.



SOBRE A AUTORALUCIENE

Eu sou Luciene Rodrigues da Silva Neves, tenho 26 anos e moro na Aldeia Prata, localizada na Terra Indígena Xakriabá, no município de São João das Missões, em Minas Gerais. Sou casada e tenho dois filhos.

Sou filha de uma família humilde, mas que sempre se preocupou com nossos estudos - meu e de meus irmãos.

Vou compartilhar um pouco da minha trajetória vida escolar. Eu sempre estudei na escola da Aldeia Prata desde meus sete anos de idade até me formar no 3º ano do ensino médio em 2013. Durante esse período meus professores sempre foram indígenas de lá mesmo da minha aldeia. No ano seguinte, prestei vestibular na universidade Unopar onde tem um polo de apoio na cidade de Manga, Minas Gerais, na área de Pedagogia e conseguir ser classificada em 4º lugar. Iniciei o curso em fevereiro de 2014 e formei em março de 2018.

Neste período também tive a oportunidade de começar a trabalhar como professora na escola de minha comunidade, em abril de 2015, onde estou até hoje.

No final de 2018 até início de 2019 fiz uma pós na especialização em supervisão escolar. Em março de 2019, com muito incentivo da minha família prestei vestibular para o FIEI, na FAE/UFMG para licenciatura Ciências da Vida e da Natureza (CVN), uma área da qual eu gosto muito e de privilégio conseguir se classificada no vestibular pela primeira vez que fiz. Fiquei muito feliz mesmo pois mais um sonho estava se realizando em minha vida.

Desde então comecei a me organizar para que eu pudesse chegar até aqui e também permanecer até o final e concluir este percurso, pois é muito importante ingressar na universidade, mas também depende de muito esforço para poder dar continuidade e finalizar essa trajetória, que não é fácil. O caminho a ser percorrido vale muito à pena quando chegamos e conseguimos nossas conquistas.

A partir do momento que comecei a fazer o curso, os professores falaram desse trabalho de percurso que é o TCC, necessário para concluir o curso. No ano seguinte em 2020 foi o momento de assistir as defesas de TCC da turma de Línguas, Artes e Literatura (LAL). Devido à pandemia não foi possível acontecer presencial, foi online mas deu para acompanhar.

Naquele momento despertou em mim e em Regina o tema do nosso trabalho de Percurso que é “A participação da comunidade nos trabalhos de percurso”. Nós observamos com mais atenção nos trabalhos apresentados o quanto nossa comunidade vem contribuindo com seus diversos saberes.

Desde então fomos buscando informações, conhecimentos e pesquisas para que possamos concluir este trabalho. Foram muitos desafios encontrados no caminho que percorremos, mas também momentos de aprendizado, que adquiri muito nesse período, e que vou levar para minha vida toda. Tenho como finalidade registrar estes trabalhos, incentivar nossa juventude, valorizar os conhecimentos de nossos mais velhos e dar um retorno deste aprendizado para minha comunidade, ou seja, povo.

Durante este percurso, além dos conhecimentos adquiridos e compartilhados, tive também a oportunidade de conhecer novas pessoas e lugares que eu não conhecia e as novas amizades, então só tenho mesmo gratidão a Deus por me proporcionar essa oportunidade. E à minha família por todo incentivo e apoio. Também aos professores

pelo acolhimento. Enfim, agradeço a todos que de certa forma, direto ou indiretamente, vieram a contribuir.

INTRODUÇÃO

O nosso tema foi criado baseado nas nossas visões que viemos a perceber na comunidade o quanto a realização de percursos acadêmicos é uma ação frequente no nosso cotidiano, pois aqui na nossa realidade as nossas conquistas são construídas coletivamente, favorecendo não apenas um indivíduo, mas todo o nosso povo.

Apartir de nossas observações percebemos que a comunidade vem contribuindo com seus diversos saberes, práticas, ciências e experiências que são pertinentes em diversos temas de pesquisa, e pretendemos com essa pesquisa registrar esse vínculo da comunidade com os estudantes, mostrando o caráter coletivo da nossa produção de conhecimento.

O que justifica a escolha desse tema foi devido as nossas observações, quando presenciamos as apresentações das defesas da turma da LAL do FIEI, entre outros momentos. Pois percebemos a importância da comunidade na contribuição de seus diversos conhecimentos na construção das pesquisas. A importância de estudar esse tema é que ele tem grande relevância em nossa atualidade pelo fato que a partir de nossa pesquisa estaremos registrando a participação da Aldeia Prata (crianças, jovens, adultos e anciões) na produção de todo esse conhecimento.

O nosso objetivo foi buscar ampliar os conhecimentos que muitas das vezes nos passam despercebido, e os mesmos são fundamentais para nossa formação. Com isso pretendemos cada vez mais incentivar os jovens sobre a importância de estar buscando e praticando nossos costumes e tradições, que vêm desde nossos anciões e anciãs, e valorizando seus saberes. Para isso, nós reunimos todos os percursos acadêmicos realizados na Aldeia Prata (aqueles que estão disponíveis na internet, ou seja, percursos acadêmicos realizados a partir de 2016 a 2020), estudamos esse material e buscamos mostrar a interação e a relação entre a comunidade e os percursos.

A partir do momento que reunimos todos os percursos realizados na Aldeia Prata, lemos e fizemos resenhas deles, nós percebemos que um ponto muito importante era a interação entre esses conhecimentos e a comunidade. Foi por isso que decidimos, através de nossas ideias e observações, realizar entrevistas gravadas e momentos de conversas com pessoas da comunidade que participaram dos percursos. Essas entrevistas foram momentos muito

importantes para nós. A partir da sua transcrição, e leitura dos percursos realizamos a escrita deste trabalho.

CONHECENDO A DAZAKRU KTERÃKÂ DE PERTO

1.1 O Território Xakriabá

O território Xakriabá localiza-se no Município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, na margem do Rio São Francisco. Foi homologado em 1987 e, em 2003 foi incorporada área onde fica a aldeia Rancharia. Teve também a ampliação da área da aldeia Morro Vermelho e, no ano de 2013, deu início processo de retomada da Fazenda Caraíba.

O território tem um número aproximado de 53.213 hectares e aproximadamente 12.000 habitantes distribuídos em 36 aldeias. Tem quatro caciques e vice-caciques para ajudar na organização do mesmo, sendo que esses atendem à demanda de todo território. Em cada aldeia há uma liderança e uma vice-liderança. Essas lideranças trabalham sempre juntas para resolver os problemas do território em geral.

Além da demarcação da terra, nosso território tem um marco histórico que é a educação indígena diferenciada, que conseguimos por meio de muitas lutas das nossas lideranças - não foi fácil para conseguirmos. Antes nosso território não tinha escola e quando começou os professores eram não-indígenas e muitas pessoas não estudaram por falta de oportunidade.

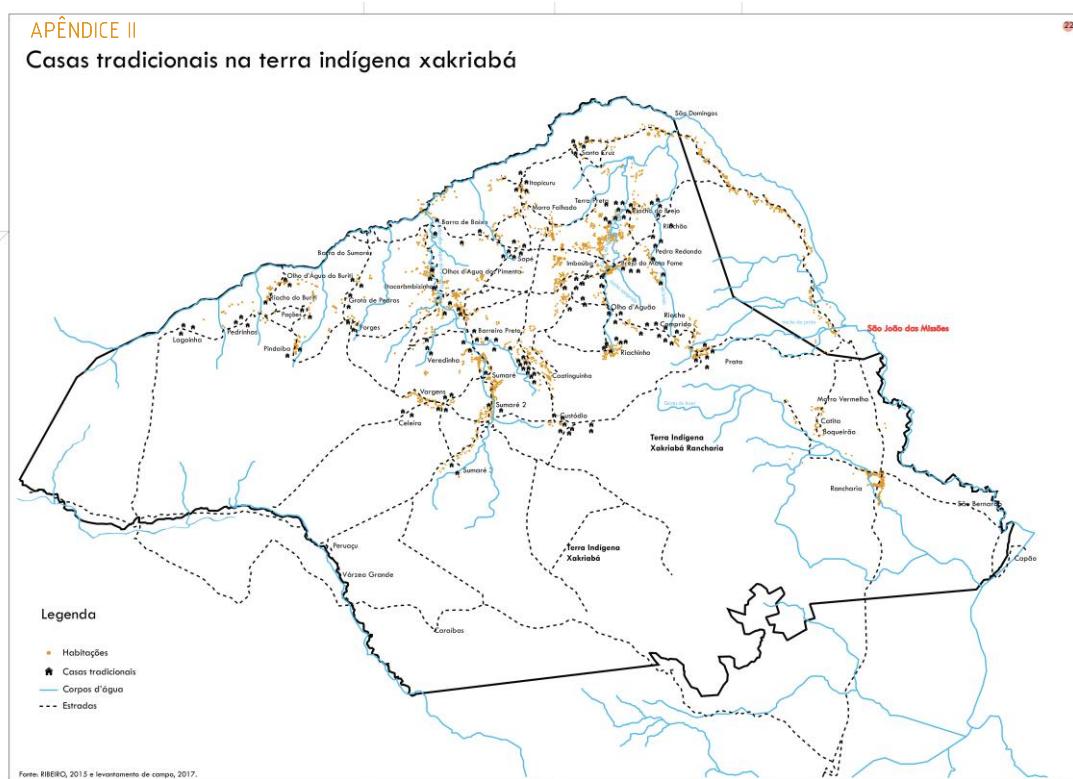
Mas, com a demanda de todos e a força das lideranças, conseguimos a educação indígena. Hoje possui escola nas aldeias, umas vinculadas a outras e os professores são todos indígenas, assim como diretores, técnicos e demais funcionários. As escolas atendem da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Outra conquista também foram as unidades de saúde que possuem em nosso território. Não são em todas as aldeias, mas facilita muito o acesso. As pessoas são atendidas naquelas mais próximas de suas comunidades. Temos agentes de saúde, técnicos de enfermagem, dentista, enfermeiro, técnico de higiene bucal e outros. Isso

para nós, Xakriabá, é muito importante, pois aos poucos estamos vendo o quanto nosso povo está crescendo.

Ainda não conseguimos tudo, mas o que temos não podemos esquecer que foi uma luta dos mais velhos e os mais novos vem acompanhando, dando seqüência, lutando e correndo atrás dos nossos direitos, pois temos muito o que conquistar.

1.2 A ALDEIA PRATA



A Aldeia Prata localiza-se no Território Indígena Xakriabá. Atualmente possui 129 famílias e aproximadamente 398 pessoas. Na aldeia existe posto de saúde, escola que atende da Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Médio. Em nossa aldeia tem agente de saúde, agente de saneamento básico, diretor, vice-diretor, professores, auxiliares de secretaria, auxiliares de serviços gerais, liderança e vice-liderança para ajudar na organização interna da comunidade.

A Aldeia Prata foi dada por este nome porque aqui antes tinha água e uma terra branca parecendo prata e por esse motivo a aldeia recebe esse nome. As pessoas acreditaram que por causa disso aqui poderia existir pedras valiosas e na Prata tinham lugares que se chamava Agrião, Riachão (chamado de Riachão porque tinha um olho d'água e tinha bastante água que percorria). O primeiro morador que passou pela Prata viu uma areia muito branca e as pedras chegavam a brilhar e assim decidiram colocar o nome de Aldeia Prata e está até hoje.

A vegetação que predomina é conhecida pelos mais velhos como tabuleiro, reconhecido também por cerrado. A mesma é muito rica em plantas medicinais, as quais são bastante utilizadas pelos moradores da aldeia como medicina tradicional.

As pessoas da nossa aldeia também vivem da agricultura e criação de animais como: porco, galinha, gado e outros. Apesar das mudanças climáticas dos últimos anos, as pessoas não deixam seus costumes de antes. Mas os homens saem muito para trabalhar em outros Estados para manter a sobrevivência da família, porque em nossa região serviço é muito difícil. Antes nosso povo vivia da agricultura, porque tudo que plantava colhia, mas hoje não é mais assim: faz a plantação, mas a maioria perde por falta de chuva.

Nossa aldeia teve uma grande conquista nos últimos anos, pois hoje temos muitos benefícios que antes não tínhamos e isso facilitou muito a vida dos moradores como o acesso à saúde, escola, energia elétrica e estrada para nos movimentar de uma aldeia para outra e para fora do território. Perdemos sim algumas coisas, como a agricultura, que antes era a sobrevivência do povo, mas ganhamos outros benefícios.

O que ainda é muito difícil em nossa aldeia é a água, principalmente no período da seca, porque antes existiam muitas nascentes, mas acabou secando por falta de chuva e assim dificulta muito a vida do povo, pois não podem criar grandes quantidades de animais, não podem plantar muitas plantas até mesmo nos quintais das casas porque às vezes ficam dias sem vir água e as plantas acabam morrendo. A maioria dos moradores possui reservatórios em casa para armazenar água, mas nem sempre é o suficiente para fazer todas as atividades - é mais para cozinhar, beber e fazer as atividades do lar. A água que usamos vem de uma aldeia vizinha chamada Riachinho, onde há um poço artesiano e abastece água para várias aldeias.

Vamos apresentar agora um pouco da Aldeia Prata:



Esta imagem acima representa a nossa escola Oaytomorim da Aldeia Prata. No momento ela se encontra interditada devido algumas rachaduras em sua estrutura, por esse motivo as atividades escolares estão sendo realizadas em um antigo prédio escolar da aldeia.



Esta imagem mostra o nosso antigo prédio Escolar onde estão sendo desenvolvidas as atividades escolares atualmente, apesar de ser um prédio pequeno e bem simples, ele tem uma grande história, pois foi o primeiro espaço conquistado da aldeia onde muitas pessoas já estudaram. É um ponto de referências porque acontecem diversas atividades em sua área externa, por exemplo: reuniões da área da saúde, reuniões escolares, comemorações de dia das mães, intermódulos, palestras, entre outros momentos pertinentes da comunidade.



Esta imagem representa uma parte do pátio da nossa Escola (prédio antigo), onde podemos observar do lado direito da imagem uma parte do campo de futebol que também faz parte do espaço da escola pois este espaço é utilizado para realizar algumas atividades escolares e da comunidade como, por exemplo, é um área que os alunos utilizam durante o recreio para fazer brincadeiras, também é utilizado para fazer quadrilha, já aconteceu a formatura, o II Encontrão e o I Acampamento da juventude Xakriabá.

Do lado esquerdo observamos uma parte do quintal da escola onde é possível identificar algumas árvores como: ninho, jacarandá, jatobá entre outros que utilizamos. Em suas sombras realizamos algumas atividades da escola e da comunidade.



Esta imagem nos representa um momento de aula coletiva na escola com os estudantes com a participação de professores, algumas pessoas da comunidade que tem habilidade em costura, onde realizamos uma oficina de confecção de bonecas de pano. Os materiais utilizados nesta oficina foram levados de casa pelos alunos, professores e as pessoas convidadas.



Nesta imagem apresenta o resultado final da oficina de bonecas onde alguns estão com sua confecção do que conseguiram desenvolver. Além das bonecas também foram desenvolvidas outras peças.



Está imagem acima apresenta um momento de pesquisa de campo na Aldeia onde uma estudante estava fazendo uma pesquisa para seu trabalho. Na imagem tem estudantes da escola, professor e o liderança Sr. Valdemar. Esta caminhada pelo campo é um momento muito importante pois durante o caminho íamos observando e conhecendo as plantas daquele local.

CAPÍTULO 2

2. OS PERCURSOS ACADÊMICOS REALIZADOS NA ALDEIA PRATA

2.1 Percursos acadêmicos

O Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) tem como finalidade capacitar povos indígenas para atuar em suas escolas dentro de seus territórios para que seja ampliados seus diversos saberes.

O curso ocorre em módulos presenciais na universidade e intermódulos nos territórios indígenas, visando atender a especificidade de cada povo. O FIEI se organiza em quatro habilitações sendo elas: Ciências da vida e da Natureza; Matemática; Ciências Sociais e Humanidades; Línguas, Arte e Literatura.

Existem muitos trabalhos de percurso desenvolvidos pelo FIEI dentro dos territórios indígenas da Bahia e Minas Gerais. inclusive no território Xakriabá que é dividido em 36 aldeias, entre elas a Aldeia Prata onde focamos em realizar o desenvolvimento da nossa pesquisa.

Entre o ano de 2016 e 2020 foram defendidos 125 trabalhos acadêmicos, sendo 50 delesXakriabá.

No ano de 2016 foram 4 porém nenhum na Aldeia Prata.

No ano de 2017 foram 10; sendo 1 da Aldeia Prata (Turma CSH)

Tema:O pequi no território Xakriabá

Processamento e usos na Aldeia caatinguinha

Autores: Marco Antônio pinheiro da Silva, Marli Barbosa dos Santos, Terezinha Gomes dos Santos.

Entrevistados: Silvio José de Araújo, Valdemar Ferreira dos Santos, Valdir Pinheiro da Silva

No ano de 2018 foram 10; sendo 2 realizados na Aldeia Prata (Turma MAT)

Tema:Roupas de Palha Tradicionais Xakriabá

Autores:Neuza Rodrigues da Silva Oliveira

Entrevistados:José de Araújo Souza (Déda), sr. Valdemar Ferreira dos Santos, Célia Xakriabá

Colaboradores estudantes do primeiro ano ensino médio e um colega de trabalho Aldemir Marcos

Tema:Análise de uma atividade a Partir do Calendário sociocultural Numa Escola da Aldeia Indígena da Prata, Povo Xakriabá.

Autores:Edilene dos Santos Araújo

Entrevistados:Professor Naldinho, vice diretora Diana e diretora Eliane

No ano de 2019 foram 12 sendo 2 realizados na Aldeia Prata (Turma CVN)

Tema:extrativismo, Agricultura e construção: A Diversidade dos solos da Aldeia Prata (território indígena Xakriabá).

Autores:Laura Caetana dos Santos

Entrevistados:Diana pereira de Araújo Rocha, Dona Maria Rodrigues de Queiroz, Sr. Silvio José de Araújo, Sr. Valdemar Ferreira de Araújo

Tema:As Plantas Medicinais da Aldeia Prata no Território Xakriabá: Resgatando e Valorizando os Conhecimentos Tradicionais.

Autores:LindauraGomes de Araújo

Entrevistados:Sr. Valdemar Ferreira dos Santos, Osmar Caetano de Queiroz, Josefa Marcos de Sousa Mota, Sandy Gonçalvez de Queiroz.

No ano de 2020 foram 14 sendo 1 realizado na Aldeia Prata (Turma LAL)

Tema:Escola indígena Oaytomorim: Relação com o território Xakriabá e Práticas educativas interculturais.

Autores:Eliane Pereira de Araújo Neves e Maria Xavier de Oliveira da Silva

Entrevistados: colaboradores: Sr. Valdemar Ferreira dos Santos, Diana Pereira de Araújo Rocha.

2.2 Apresentação dos percursos

Ao realizar a leitura dos trabalhos desenvolvidos na Aldeia Prata para apresentar cada um deles realizamos resumos para melhor entender cada um, sendo assim vamos apresentar cada tema usando o resumo realizado por nós como referência.

Processamento do pequi

Este trabalho apresenta o desenvolvimento do processamento e uso do pequi no território Xakriabá na Aldeia Caatinguinha. O trabalho foi desenvolvido pelos estudantes: Marco Antônio Pinheiro da Silva (Aldeia Prata), Marli Barbosa dos Santos (Caatinguinha) e Terezinha Gomes dos santos (Aldeia Morro Falhado), do curso FIEI área CSH. Embora o trabalho tenha sido desenvolvido na Aldeia Caatinguinha ele conta com a colaboração e participação de outras comunidades entre elas Aldeia Prata.

Este trabalho busca valorizar o costume das práticas de sobrevivência do povo Xakriabá em relação aos frutos nativos do cerrado.

Compreendemos que este trabalho é uma forma de registrar e guardar os costumes do nosso povo. É importante para nossa Aldeia Prata pois tem a participação de ancião e liderança para a realização do mesmo.

Roupas de palhas tradicionais Xakriabá

Neste trabalho a autora buscou apresentar o estudo das roupas de palha tradicionais Xakriabá. Tendo como objetivo analisar, acompanhar e descrever o passo a passo de produção das roupas para manter o registro como fonte de pesquisa dessa prática. A autora destacou que as pessoas da Aldeia Prata fazem uso dessas roupas, mas não tem a prática de produção das mesmas. Essas roupas de palha tradicionais Xakriabásão utilizadas nos momentos das apresentações culturais e eventos comemorativos, como formaturas por exemplo. Observamos a necessidade dos mais jovens aprenderem a produzir essas roupas, para valorizar esta característica da nossa cultura. Além disso as pessoas que sabem fazer as roupas muitas delas são os anciões.

Compreendemos que este trabalho busca valorizar as vestimentas de palha tradicionais Xakriabá dentro da nossa aldeia e deixar registrado esta prática para que outros possam

aprender uma vez que na nossa aldeia só o sr.Valdemar sabe fazer. É importante porque é uma referência para a nossa juventude e comunidade em geral a está realizando pesquisa neste trabalho para aprimorar os conhecimentos ou até mesmo conhecer esta prática, no caso daqueles jovens ou até mesmo adultos que não conhecem.

Analise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa Escola da Aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.

Este trabalho apresenta estudo sobre o calendário sociocultural das atividades didáticas desenvolvido na Escola da Aldeia Prata. Este trabalho consiste em uma prática educativa desenvolvida nas escolas indígenas Xakriabá, com intensidades e proposições diferentes. Nesta prática educativa é feita a junção entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional.

Essa proposta foi apresentada para os estudantes indígenas Xakriabá pelos professores dos cursos FIEI/PROLIND FIEI da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em 2009.

A partir deste trabalho foi possível compreender e entender a importância do calendário sociocultural para a Escola da nossa Aldeia, pois na nossa escola realizamos as atividades adaptadas à nossa realidade e através deste calendário que montado pela comunidade escolar temos a oportunidade de organizar assuntos a serem trabalhados de acordo com as estações do ano e das nossas observações no dia a dia.

Extrativismo, agricultura e construção: A diversidade dos solos da Aldeia Prata (território indígena Xakriabá).

O trabalho apresenta a diversidade dos solos da Aldeia Prata, buscando analisar o uso desses recursos de maneira que concentrava na divisão de cada espécie, onde foram explorados três conceitos, sendo eles: o uso do solo para o extrativismo, agricultura e construção.

Observamos que cada recurso encontrado e desenvolvido é de acordo com cada tipo de solo.

Por exemplo o extrativismo das plantas medicinais e frutíferas se encontra no tabuleiro conhecido como gerais.

A agricultura geralmente é desenvolvida no solo da mata, onde produz com mais facilidade por ser um solo muito rico, composto de misturas de solos, barro e areia, entre outros nutrientes. Geralmente os moradores costumam desenvolver o plantio nos quintais de casa, porém em quantidades menores.

Para identificar o solo para construção é preciso trabalhar com o olhar. Isso porque os moradores têm a sua melhor visão de acordo com um solo sem desgaste e sem presença de sumidouros. Através desse olhar então se encontra o melhor terreno para construir.

Neste trabalho passamos a compreender e conhecer mais a diversidades de solo em cada parte da nossa aldeia, destacando a importância de conhecer cada tipo de terreno pois temos uma diversidade de solo em nossa aldeia e cada um tem sua utilidade como já citamos acima, por isso a importância de conhecer cada um deles.

Plantas medicinais da Aldeia Prata no território Xakriabá: resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais.

Este trabalho apresenta o uso e conhecimento das plantas medicinais da aldeia prata, visando fortalecer e deixar registrado essas práticas tradicionais do povo Xakriabá da Aldeia Prata. A autora cita também a importância dos jovens darem continuidade a essa cultura do uso dessas plantas, que sempre foram utilizadas e nos passadas pelos mais velhos. Elas trazem mais benefícios para as pessoas, por serem naturais. Destaca-se muito bem no trabalho as informações sobre as plantas, como seus usos, indicações, partes usadas e método de preparação.

Atualmente, no território existem três aldeias que têm a casa de medicina que são na aldeia Barreiro, Caatinguinha e Sumaré 1. Essas casas são formas de fortalecimento, preservação e cultivo das plantas e alimentos tradicionais do território Xakriabá.

Esse trabalho mostra a importância que as plantas medicinas têm dentro da nossa aldeia, pois são muito utilizadas e estão sempre presentes no nosso dia a dia. Esta é uma prática que vem desde os mais velhos e é usada para o fortalecimento espiritual, mental e bem estar. Por isso é importante o cultivo das plantas e alimentos tradicionais do território Xakriabá.

Escola indígena Oaytomorim: relação com território Xakriabá e práticas educativas interculturais.

Este trabalho busca entender o papel da escola indígena e sua relação com o território, com o olhar voltado para a Escola Estadual Indígena Oaytomorim - Aldeia Prata – Xakriabá, em sua participação no processo de retomada das Aldeias Vargem Grande e Caraíbas, uma vez que a Escola estava envolvida nas ações incluídas como parte das práticas educativas territorializadas e interculturais, na perspectiva do calendário Sociocultural para romper com as imposições de um sistema de estado colonizador.

Sempre que necessário reunimos para discutir e planejar os assuntos das atividades a serem desenvolvidas e pesquisadas. Se surgirem novas demandas as atividades podem ser mudadas pois o processo educativo não é limitado em sala de aula, tudo poderá ser relacionado com a convivência na comunidade, o tempo, o clima, o respeito ao luto, o plantio de roças, participação em palestras e outros eventos. Além disso a Escola ainda permite em suas diversas áreas de conhecimentos, discutir e compreender os projetos sociais relacionados aos limites do território, a sustentabilidade, lutas, saúde, etc.

Com este trabalho podemos compreender melhor a relação da escola indígena no território Xakriabá, destacando a participação da escola estadual indígena Oaytomorim nos movimentos territorializados como retomadas, práticas educativas, questões de saúde e saneamento, agricultura familiar entre outros assuntos. É importante para nós porque consiste na realidade em que vivemos na aldeia, como exemplo a retomada da Fazenda de Caraíbas que as autoras descreveram em seu trabalho onde a nossa escola participou ativamente com todo o corpo escolar e envolvendo toda a comunidade nesse processo.

WaihukuXakriabá: O acervo de saber do povo Xakriabá em construção.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma sistematização do percurso de quatro estudantes indígenas Xakriabá, das aldeias Rancharia, Prata, Brejo do Mata Fome e Sumaré que coletaram, analisaram e organizaram 53 percursos acadêmicos desenvolvidos no FIEI (UFMG) no período de 2013 a 2019 e participaram da elaboração do repositório de pesquisa Xakriabá.

Os percursos foram organizados em 5 categorias: sustentabilidade, território, meio ambiente, educação e cultura. Tendo como objetivo colaborar para o arquivamento e acesso dos Xakriabá a esse rico material de pesquisa que são os percursos, principalmente nas Escolas indígenas. O acervo é uma forma de guardar o saber que é produzido nas pesquisas desenvolvidas no território.

Neste trabalho compreendemos que a construção deste acervo tem uma importância muito significativa para a nossa aldeia e todo território Xakriabá, uma vez que venha a guardar todos os trabalhos acadêmicos do FIEI em uma única plataforma, para facilitar o acesso a esses trabalhos entre as comunidades que queiram acessar. Esta é uma forma também de evitar a perda de algum trabalho.

2.3 Contribuição desses trabalhos para nós

A partir da leitura destes trabalhos podemos aprimorar o nosso conhecimento e também tivemos a oportunidades de ver a diversidade de temas e semelhança entre cada um deles. Poder ler estes trabalhos foi uma contribuição muito rica e significativa para nós.

Os trabalhos que realizamos com as leituras nos trouxeram informações novas sobre temas que nós já sabíamos, mas também nos fizeram pensar e refletir sobre cada um deles, pois nos trouxeram um conhecimento mais amplo de acordo com cada tema pesquisado, tendo como finalidade de cada trabalho nos proporcionar a oportunidade de ver cada tema sendo explorado e registrado de maneiras diferentes.

Ao observar os resumos o que solta diante do nosso olhar são as semelhanças entre eles, a participação do senhor Valdemar em cada um deles e sua contribuição com sua diversidade de saberes dentro da nossa Aldeia Prata. Percebemos que nossa aldeia contribui muito com os estudantes tanto de dentro da comunidade quanto de outras aldeias. Foi justamente por isso que fomos escutar o que essas pessoas têm a dizer sobre sua participação nos percursos.

A nossa expectativa como retorno deste trabalho de percurso que estamos fazendo para a nossa comunidade, escola e no geral é poder compartilhar esse trabalho até mesmo como material didático que possa ser trabalhado dentro das escolas com as crianças, jovens mostrando a importância de pesquisar sobre determinado assunto

dentro da nossa comunidade, pois cada pessoa na aldeia tem seus conhecimentos sobre cada tema a ser pesquisado.

Por isso com o trabalho a gente pretende incentivar os estudantes, ou seja, comunidade a valorizar e praticar o habito da pesquisa em nosso cotidiano, pois através desse método podemos resgatar e até mesmo ampliar alguma prática adormecida do nosso povo, visando sempre respeitar os critérios de nossas organizações internas Xakriabá.

Na nossa escola atualmente estamos desenvolvendo uma prática com os estudantes do FIEI da nossa aldeia que é após a formação na FaE / UFMG são convidados pela escola a estarem apresentando seu trabalho de conclusão de curso TCC na escola, onde são convidados demais pessoas da comunidade a estarem prestigiando o momento e a conhecendo o tema. Inclusive, a partir disso, esses trabalhos já são disponibilizados e usados dentro da nossa escolar.

Escutando o Senhor Valdemar podemos ver a importância que esse trabalho de pesquisa que realizamos tem para o nosso povo:

Esse retorno eu espero ele que vocês estuda lá fora e traga sentido de ajudar seu povo sua comunidade em geral Xakriabá é um só, o que vocês aprender lá serve pra sua comunidade, serve pra você e serve pra o povo que tá ai e o que vai nascer e serve nos quatro cantos da comunidade a onde precisar, então não é só na sua comunidade não, essas pesquisas suas elas tem um grande valor pra vocês e pra todos, serve até pra mim que tô na minha idade eu sinto muito feliz de ces fazer a pesquisa do ces levar lá e ser aprovada que eu tem todas as pesquisas que vocês me faz tá registrado lá, tá registrado comigo também.

CAPÍTULO 3

3. DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES DOS PERCURSOS

3.1 Sr. Valdemar



O Senhor Valdemar Ferreira dos Santos é liderança e morador da Aldeia Prata. Tem 75 anos de idade. É um ancião do povo Xakriabá que está sempre presente participando ativamente das lutas dentro e fora do território em busca de melhorias para seu povo em diversas áreas, seja na saúde, educação, retomadas, movimentos indígenas entre outros espaços.

Dentro da Aldeia o senhor Valdemar exerce seu papel de liderança, e sempre está participando das atividades da comunidade por exemplo: palestras, rodas de

conversa, pesquisa, festejos, casamentos, reuniões da comunidade escola, saúde entre outros momentos.

Moça, no trabalho que eu tenho participado, aqui é como você sabe eu sou bem frequentador dentro da escola direto e lá fora também aparticipação minha porque quando a gente sai para as reunião é uma participação de uma aula que a gente participa lá, graças a Deus eu fui muito aplaudido de que todas as reunião que eu participei as demandas que eu participei tudo eu recebi certificado, não tem uma que eu não tenho certificado, porque nas perguntas que ele me fez, tudo eu respondi.

Nesta parte da entrevista o entrevistado ressalta a importância de estudar lá fora aprender novos conhecimentos, modo de viver, mas ao retornar para sua aldeia não perder o seu jeito de viver, seus costumes de dentro da aldeia que são a sua verdadeira essência.

A diferença é vocês estudar lá fora aprender o jeito de viver com eles lá fora, e como vive lá fora, como anda lá fora mais o dia que chegar na aldeia voltar pra aquele costume que nós tinha aqui, não deixar ele que é o costume dos antes passados mais antigo, então nós não podemos perder essa ponta da ninhada.

O senhor Valdemar fala durante a entrevista que se sente muito feliz em fazer parte da luta de seu povo e ser liderança, apoiar seu povo e ser apoiado.

uai eu sinto muito feliz que enquanto a gente é vivo, as vezes a gente ta aqui num é tudo, num é o que a gente é mais a gente prefere ser o que é hoje enquanto for vivo, porque o dia que for fica argum papel no mundo dessa pessoa que ele teve essa luta, essa luta constante aqui junto com o povo, porque é uma coisa que as vezes a pessoa não entende mais uma liderança ele tem que ter apoio do povo e o povo tem que ter apoio dele, ele tem que tá atento a qualquer hora que procurar ele o de dia ou de noite, se ele representa ele tem que ser presente toda vez

3.2 Hilda



Hilda Rodrigues da Silva Araújo, tem 34 anos, é moradora da Aldeia Prata e professora há 16 anos. Ela realizou o curso do magistério indígena na 3^a turma oferecido pela secretaria de educação do estado de Minas Gerais e a licenciatura do FIEI na habilitação Ciências da Vida e da Natureza na UFMG no período de 2011 a 2015.

Durante a entrevista realizada com ela, ela nos contou que a comunidade é bem participativa nos projetos de percursos e nas pesquisas dos estudantes da comunidade. Ela também falou da importância da pesquisa para os mais jovens pois é um método de aprendizado diferente das quatro paredes e é uma que já vem sendo desenvolvida em

nossa aldeia, que é buscando aprender com os mais velhos, para registrar seus conhecimentos.

É na minha opinião né os jovens hoje em dia eles tem que ta buscando essas é assim participando buscando é com as pessoas né mais velhas né da nossa comunidade do nosso território purque essas pessoas mais velhas né eles estão é são pessoas né qui é rica de conhecimento de informação né pata transmitindo né pra nós então isso assim é uma forma qui ajuda bastante eles até eles mermo ta ampliando né u seu conhecimento como estudante.

Aquiela ressalta a importância da comunidade estar junto nesses trabalhos. Sempre que o estudante procurar um determinado morador para estar fazendo aquela entrevista é gratificante a pessoa poder estar transmitindo esses conhecimentos uma forma de estar ajudando na formação de docentes da aldeia.

É então é a comunidade né aqui na nossa comunidade na aldeia prata né, é, sempre participa dos projeto dos trabalho de pesquisa dos alunos a comunidade sempre tem a boa vontade sempre que o estudante procura aquela é pessoa pra da uma informação pra fazer uma entrevista né a comunidade ta sempre é presente né participando dessas pesquisa é ajudando tentando ajuda nus nas pesquisa purque vai ser uma pesquisa que é o estudante ele faz mais ele tem aquele compromisso de trazer aquele retorno para a comunidade então assim é aquela forma de uma troca de experiência entre estudante e aquela pessoa na qual né ta transmitindo aquela informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura destes trabalhos podemos aprimorar o nosso conhecimento e também tivemos a oportunidades de ver a diversidade de temas e semelhança entre cada um deles. Poder ler estes trabalhos foi uma contribuição muito rica e significativa para nós.

Os trabalhos que realizamos, as leituras, os resumos e os debates entre nós, nos trouxeram informações que nós já sabíamos, mas também nos fizeram pensar e refletir sobre cada um deles, pois nos trouxeram um conhecimento mais amplo de acordo a cada tema pesquisado, tendo como finalidade de cada trabalho nos proporcionar a oportunidade de ver cada tema sendo explorado e registrado de várias formas.

Ao observar os resumos, o que solta diante do nosso olhar são as semelhanças entre eles e a participação do senhor Valdemar em cada um deles e sua contribuição com sua diversidade de saberes dentro da nossa aldeia Prata. Percebemos que nossa aldeia contribui muito com os estudantes tanto de dentro da comunidade quanto de outras aldeias. Foi justamente por isso que fomos escutar o que essas pessoas têm a dizer sobre sua participação nos percursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Silva, Marco Antônio pinheiro da;Santos, Marli Barbosa dos; Santos, Terezinha Gomes dos. **O pequi no território Xakriabá - Processamento e usos na Aldeia caatinguinha.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

Oliveira, Neuza Rodrigues da Silva. **Roupas de Palha Tradicionais Xakriabá.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

Araújo, Edilene dos Santos. **Análise de uma atividade a Partir do Calendário sociocultural Numa Escola da Aldeia Indígena da Prata, Povo Xakriabá.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

Santos,Laura Caetana dos. **extrativismo, Agricultura e construção: A Diversidade dos solos da Aldeia Prata (território indígena Xakriabá).** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Araújo,Lindaura Gomes de. **As Plantas Medicinais da Aldeia Prata no Território Xakriabá: Resgatando e Valorizando os Conhecimentos Tradicionais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.

Neves, Eliane Pereira de Araújo;Silva, Maria Xavier de Oliveira da. **Escola indígena Oaytomorim: Relação com o território Xakriabá e Práticas educativas interculturais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Habilitação em Línguas Artes e Literatura.

Lacerda, Mácleisson possidônio; pinheiro, Mauricio Xavier de Oliveira; Abreu, RanikerePinheiro de; Macedo, Valdinei Pinheiro de. **WaihukuXakriabá: O acervo de saber do povo Xakriabá em construção.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

ANEXO:

ROTEIRO

1. Vc já participou de algum percurso acadêmico? Como vc participou?

2. De que forma você/senhor observa a participação da comunidade nos trabalhos de pesquisas?

3. Qual a interação e a relação entre a comunidade e os percursos?

4. Como os jovens podem buscar ampliar os conhecimentos que muitas das vezes nos passa despercebidos?

5. Você se sente contemplado nos trabalhos de pesquisa a qual o mesmo se fez parte? (Sr. Valdemar)

6. Para você qual a importância de estudar esse tema?

7. De que maneira você espera o retorno dessas pesquisas para nossa comunidade, território, ou seja, povo?

Entrevistas

Primeira entrevista com o Senhor Valdemar Ferreira dos Santos Liderança e morador da Aldeia Prata, 75 anos de idade.

O tema que ela começou me procurou é um tema que sempre é procurado, de um índio na Aldeia, ele ser bem participador das coisas que acontece, porque na Aldeia tem reunião ele tem que ta presente em evento, qualquer diversão que tiver, assim casamento, ele tem que participar e oque tiver na comunidade por que quando chegar um ponto de eles pegar um cargo tudo é perguntado porque eles não quer contratar pessoa que não participa das coisas, porque diz que ele não tem nada a explicar pra ninguém, porque o cara na comunidade se ele é professor ele tem que ter explicação pro aluno, se ele é um qualquer coisa ele tem que explicar, o que que acontece cole o dever da aldeia cole o direito que ele tem cole o que ele não tem, ate onde ele pode ir, ate onde não pode ir, ele tem que participar de tudo, ai isso é um acompanhamento que ele tem na aldeia e ai reforça ele porque, ai quando ele trabalha ali ele sabendo explicar aquilo de vez enquanto ele explica pras pessoas então ele é uma pessoa que ele vai pegando um grau maior, as vezes nem ele ta avaliando ele, mais quem ta ali no dia a dia tá avaliando, e quenem o aluno, o aluno dentro da escola quem melhor avalia ele e quem trabalha dentro da escola, quando ele forma lá que toca um cargo pra ele o professor já ajuda ele, diga não aquele lá foi um bom aluno, é uma pessoa que respeita bem acompanha as coisas, faz perguntas porque é importante também, aquele aluno que insiste com você fazendo perguntas, não pode responder ele mal, porque o aluno melhor que tem é aquele, que se ele não pode resolver as coisas ele vai ate o professor perguntar, e o professor é obrigado ensinar não pode responder ele mal porque ele é pago pra aquilo, e se fosse pra o aluno entrar na escola, e o professor escrever no quadro

e ele resolver lá sem perguntar o professor, não precisava o professor lá não, porque ele mesmo resolia os problemas dele. Então é isso ai, o começo é isso.

P1= moça no trabalho que eu tenho participado, aqui é como você sabe eu sou bem frequentador dentro da escola direto e lá fora também as participação minha porque quando a gente sai para as reunião é uma participação de uma aula que a gente participa la, graças a Deus eu fui muito aplaudido de que todas as reunião que eu participei as demandas que eu participei tudo eu recebi certificado, não tem uma que eu não tenho certificado, porque nas perguntas que ele me fez, tudo eu respondi, então teve delas que eu saí daqui desativado, uma vez me chamaram em belo Horizonte, “é pra você fala la um dia, até meio dia você fala e de tarde responder os cara vai perguntar, fazer pergunta do que você falou ate meio dia pra você responder” menina aquilo me doeu a cabeça eu falei o, pegar eu de surpresa porque eu não sei o que que eles vai me perguntar eu la vai ser difícil ai fui. Quando eu chego la a bocada pra mim era 5 índio la do peru eu sozinho no meio deles pra eu responder perguntas pra eles, e o que eu falei ate meio dia quando foi de tarde me perguntaram graças a Deus eu respondi tudo, quando foi no outro dia chegou gente la na universidade, moço eu vim aqui pra ver o senhor porque eu vi ontem o senhor falando, ai eu disse, uai ocêstava aqui ontem? Não, não tava não eu vi na televisão agora hoje que eu vim pra ver pessoa. Então graças a Deus, ô meio ambiente, a marcha das mulheres em Brasília tudo eu tenho certificado, da Bahia eu tenho. Então é bem por ai que a gente participa, e la na universidade também eu cheguei um ponto que eu sou do colegiado la e quando a coisa ta de mal jeito, tem a reitoria la do mec que la é um lugar que pra gente ir tem que ser agendado com muita dificuldade você chega la, pega o elevador vai pra um lugar que você fica ate estranho, la o trem é bem arrumado só tem os grandes la, mais graças a Deus a gente tem sido bem recebido e quando a gente fala la também é apoiado o que a gente pede la eles esforça pra cumprir com vocês la na universidade, e chegou ao ponto do cara falar pra mim o, universidade aqui só vai com vocês índios se vocês afastar daqui ela vai abaixo não em serviço pra nós não. E ai do outro lado essas perguntas que ele faz pra vocês é porque eles quer aprender o jeito seus aqui modo de viver, as diferenças, cultura, organização interna eles quer aprender isso porque o que eles ensina la eles já sabe eles quer aprender mais é o jeito do campo porque organização interna se não conhecer ela o cara não é índio não, se ele não tem cultura ele não é índio, se ele não vive diferente das outras pessoas ele

também não é índio não o dia que eles cabar essa diferença toda eles não é índio mais, eai o que eu vejo que um bucadó se a gente falar em organização interna eles não sabe o que que é, o que que é organização interna? É oce viver aqui todos os problemas seu ser resolvido dentro da comunidade ate duas pessoas dois vizinhos resolve o problema sem precisar questão eles senta e conversa os dois e decide ai se não decidir vai pra cacique vai pra liderança, agora quando não decide com essas duas parte ai nós toca la pra fora ai nós não pode por a mão mais, é problema deles que desobedeceu a organização interna então vai pra lei fundiária e agora não é com nós mais agora vai depender de juiz, depender de advogado isso vai ficar tudo por conta dele, não é nós mais. A diferença é vocês estudar la fora aprender o jeito de viver com eles la fora, e como vive la fora, como anda la fora mais o dia que chegar na aldeia voltar pra aquele costume que nós tinha aqui, não deixar ele que é o costume dos antes passados mais antigo, então nós não pode perder essa ponta da ninhada. É, a outra coisa é cultura, índio sem cultura ele não é índio, índio sem organização interna não é índio, índio sem diferença dos brancos ele não é índio, mais a gente ver que parece que nem todos, uns diga assim: “a cole o que fulano sabe de nada, eu estudei ele não estudou” mais ele estudou o que ele aprendeu as vezes aprendeu uma coisa que a gente não sabe, mais nós tem coisa aqui também que quem estudou não sabe, nem aqueles professores la não sabe, e tem coisa também que nunca vamos dizer pra eles porque se nós dizer tamos cabando com a estrutura nossa. O dia que a gente acabar tem que deixar uma coisa que os jovens que tais pequeno igual essa, vai nascer, os que vem que ninguém sabe quando, ele tem que ter um pé dele responder alguma coisa porque essas perguntas vai vim pra eles, e se fizer perguntar que pertence o índio e o cara não saber responder ele não passa não, ele tem que ter alguma coisa diferenciada pra ele responder se ele não tiver ai ele não vai provar que ele é índio la fora não porque ele vive do mesmo jeito dos outros. É igual esse governo tala ele fala: “índio tem que viver que nem os outros, ele come o que os outros come” claro que hoje nós come comida de branco devido as dificuldades chegou as perdição, a seca, as coisas não produz, mais nós hoje tamo ligado na comida do pessoal branco já não é igual nós vivia, mais também nós tem que segurar e lembrar como nós viveu que nós não comia essa comida que nós come hoje, nós não vivia da balança que so compramos quilo, então é meio complicado.

P2=O, a participação tem hora que é muito poca falar a verdade pra vocês o, se vocês ta estudando la fora vocês acompanhar mais, mas dentro da comunidade mesmo os cara não acompanha não, se fazer uma reunião dentro da comunidade pra dar essa explicação é poucas pessoas que vai, e ai é onde você conhece a onde ta mais o interesse do cara nos direitos que ele tem como índio porque se ele não participa ele já ta desligado do que ele é, então essa participação eu sinto mais em vocês la dentro da escola, agora as outras pessoas ate idoso que podia acompanhar pra ele ter informação, ajudar dar informação pra vocês ele não acompanha.

P3=O, tem uma parte que eu quero dizer pra você que o jovem, ta formando um grupinho de jovem que é ligado mesmo ele acompanha, eu to achando um bom interesse neles que já é uma segurança é um documento vai ficar em mão deles dia que não existir mais, mais tem jovem também, que não acompanha não, ele não acompanha você ta explicando entra em um ouvido sai no outro, e aquele jovem que você explica pra ele aqui e amanhã você procura pra ele, ele não sabe contar ele não prestou assunto em nada não. Então eu acho que ele tem que ter uma participação mio nessa parte, e horas também que eu digo pro cês as vezes tem pessoas dentro da escola que ele não é ligado nisso ai, mais as vezes ele acha que não é, que nem hoje, hoje tem pessoas que é evangélico ai ele diga, meu filho não pode pintar não vai pro meio das coisas la porque é idolatria. Não é não, ele tem que participar porque não é porque ele é evangélico que ele deixou de ser índio, ele é índio, porque índio não era católico, não era evangélico. foi ensinado, não existia. A religião dele era a cultura dele,eles fazia o ritual dele la no campo eai ele tavacomprindo. não existia isso de católico não, católico foi quando os bandeirentes chegou invadiu o brasil, primeira missa foi celebrada em posto seguro primeira cruz que levantou foi no posto seguro, não existia isso, ai que eles foi começando adomando o índio, nisso que as invasão maior que exiti hoje com índio foi começado por padre dentro da reserva do território brasileiro, porque onde ta as maior riquezas é nas igrejas, porque tudo que foi apanhado no Brasil tala. Então se eles escapoli alguma coisa pra índio mais eles ganhou, então nesse meio que la em porto seguro tem a cruz e a primeira missa eles trouxeram um padre cabelo currido ficaram no meio dos índios sem roupa, chamaram eles pra fazer ritual foi que ensinaram eles rezar, índio não rezava não. Outro dizer que tem os butequeiros, os bebedor, diz: “beber é cultura de índio” não é não, foi ensinado, índio não sabia fazer pinga, foi ensinado

ensinaram eles, mais eles não tinha essa cultura não eles não plantavam cana não tinha alambique pra fazer pinga, era estrutura do branco, fumar, o índio plantava fumo quando era tempo de mosquito muntuava um monte de folha botava fogo o mosquito abria fora, o branco que inventou fazer fumo pra ensinar fumar, pra adoecer hoje é um câncer lascado no mundo, então tem coisa que é aprendido, não era estatuto nosso.

P4=uai eu sinto muito feliz que enquanto a gente é vivo, as vezes a gente ta aqui num é tudo, num é o que a gente é mais a gente prefere ser o que é hoje enquanto for vivo, porque o dia que for fica argum papel no mundo dessa pessoa que ele teve essa luta, essa luta constante aqui junto com o povo, porque é uma coisa que as vezes a pessoa não entende mais uma liderança ele tem que ter apoio do povo e o povo tem que ter apoio dele, ele tem que ta atento a qualquer hora que procurar ele o de dia ou de noite, se ele representa ele tem que ser presente toda vez, então tem que ser assim, é uma coisa que ele não ganha nada mais ele tem que fazer, e aquele que ficar de braço cruzado “ a não to ganhando nada mesmo” ele não serve pra trabalhar em comunidade não, porque o interesse dele é no bolso se não corre dinheiro ele vai ligar com os outros? Não vai importar com ninguém, diga: “a não me pagou não vou la não.

P5=Não eu acho que isso ai tanto é importante pra comunidade e como pra vocês que ta formando, porque ces tem uma formatura diferenciada dos outros la, porque la fora eles não vai atras do que vocês ta perguntando ai pra eles, é outras coisas, outros curso mais avançado de outro jeito, agora pro ces ai é um futuro e o futuro para os jovens e pra quem ta estudando com vocês, então é um grande futuro e pra vocês também é uma formatura diferenciada dos outros, isso tem uma participação muito boa pro ces e isso é o que segura direito nosso e nós pode debater, se não! O direito de índio é assim, porque tem que ter conhecimento numa parte que o índio tem direito la que os outros não tem, e ele fica achando que o direito dele compite com pessoa branca e não é, que o branco vai la em procura de um direito ele não acha, e o índio tem ele la. E outra coisa, o índio tem que conhecer que ele tem um direito muito forte e eles não tão conhecendo a metade dele, que agora mesmo pode estabelecer um direito forte com aquelas mortes que teve la na Amazonia, matou um indigenista la e um jornalista e aquele cara la é da igreja católica é que nem esse Bil do CIME trabalha ai, aquilo deu um ribulisoate nos exterior e o trem da pegando e agora sobrou pra Bolsonaro, sobrou pro presidente da FUNAI foi mandado embora de la de Brasília porque foi falta de cuidado porque eles tem que

fiscalizar a aldeia de índio e o funcionário que trabalhar aqui também tem que ter vigia porque eles é perseguido igual nós mesmo se achar a intenção de fazendeiro é matar. Então nós tomo com um trabalho aqui que chefe de poço aqui trabalhava dentro da reserva a coligação dele era mais com o índio não era com o branco, hoje vai trabalhar la fora é aliado com os brancos mais do que com nós.

P6=Você mexeu num ponto muito especial que esse retorno eu espero ele que vocês estuda lá fora e traga sentido de ajudar seu povo sua comunidade em geral Xakriabá é um só, o que vocês aprender lá serve pra sua comunidade, serve pra você e serve pra o povo que ta ai e o que vai nascer e serve nós quatro canto da comunidade a onde precisar, então não é só na sua comunidade não, essas pesquisas suas elas tem um grande valor pra vocês e pra todos serve ate pra mim que to na minha idade eu sinto muito feliz do ces fazer a pesquisa do ces levar lá e ser aprovada que eu tem todas as pesquisas que vocês me faz tá registrado lá, tá registrado comigo também eu sai em livro vai sair uma remeça de livro ai que eles tá lá porque eles não quer mandar, que se mandar! Eles já mandaram uma vez foi desviado não chegou aqui, agora elesquerementregar em mãos mesmo. Então é bem importante pra gente isso ai cada dia que passa Xakriabá cresce, e outra coisa também, eles fala pra gente não tem etnia mais organizada do que a nossa não porque são bem pensando inteligente quando pensa uma coisa faz e da certo e pra eles é a organização maior na comunidade indígena é a nossa porque eles disse que a terra primeira que foi demarcada foi essa, o primeiro índio que saiu pra procurar direito lá em Brasília foi daqui, Rodrigo era liderança, não era uma liderança assim igual a gente, igual Domingo é cacique, porque Rodrigo era a maior liderança do Brasil inteiro, ele era cacique e saliado e nós não tem essa competência, ele era cacique e fixado na FUNAI era funcionário. Então foi a terra primeira que demarco foi Xakriabá, e depois dessa que as outras acompanhou com muita luta. E um bucadão não acredita acha que, um dia um cara falou pra mim: “Rosalino morreu porque ele era enzibido e pra frente” ai eu perguntei e Jesus na cruz pra salvar o povo é porque ele era enzibido pra frente? Porque Jesus morreu pra salvar esse tanto que ta em cima da terra, ele não tinha pecado. Agora quem é mais dono da terra? É quem ta vivo em cima dela sobrevivendo ou é quem pegou a vida e trocou por ela pra ficar na mão do povo. Eu acho que foi muita coragem, quem perdeu a vida derramou sangue na terra pra lavar ela pro povo eu acho que é mais dono dela. Cara tem que entender isso. Que é muito

sentido isso aí da pessoa morrer numa luta que não só dele é de todos, isso é meio complicado.

Eu observo que hoje, oce sentar pra explicar é poucos que vem ate a gente e faz pergunta e escuta, outros eles esta fiado nesse coisa que ele prendeu fazer ne papel ai ele diz que não depende de ninguém que sabe mais ai ele tádeixandoa desejar, porque nós, o cara ainda estudando ele precisa de ser quem ele é. Ai nessa parte você ver que dentro da escola você mesmo sente que é distanciado, você ta dentro da escola explicando um levanta aqui e vai no banheiro sai dois, três e não existe aquilo de um cara ir pro banheiro tudo de uma vez, se vai beber agua todo mundo vai, não, não existe aquilo não, é cada um a vez dele pedir licença o professor vai, dai a pouco o outro vai, mais negocio a hora que um pedi licença faz canudo atras do outro. Eu vejo que a participação do jovem tem hora que ta muito fraca, ta muito fraca que eles acha aprendeu tudo mais eu to vendo que vai chegar um ponto que eles vai sentir, eles vai sentir muito pesado porque se eles num pego explicação, ele num for uma pessoa que ele sentou pra ouvir conselho, pode ter um tempo la na diente que ele vai desejar, ele vai dizer, bem fulano me deu aqueles conselhos tanto e pra mim não era nada. É igual nós tem o pai e a mãe as vezes tem hora que eles diga uma coisa a gente e as vez a gente acha que eles não ta certo, mais umas as vezes eles exagera mais outras eles ta certo, porque pai e mãe eles nunca vai falar coisa pro filho que vai prejudicar ele, ele sempre quer defender o filho ainda ele tando dentro do erro ele ainda joga pra defender, e ai é quando a gente perde o pai e a mãe a gente pensa assim: mais ante eu tivesse sido ate hoje pra ele ta me dizendo aquilo que ele me dizia. Mais inda mesmo assim num tem ele hoje mais eu sinto feliz que eu vou lembar do que ele me diz. Aquele filho que ele é bem obediente os pai tem um bom amor pra ele sabendo que quem gosta dos filhos mais é pai e mãe não é os outros, é, não tem pessoa que chora pelo filho de verdade igual pai e mãe, porque as vezes os outros da chorando ali mais desisti logo, e pai e mãe a agua que eles derrama pelo filho é muito sagrada é uma coisa que ele derrama por amor, ai ele pensa naquele filho dia e noite, se ele ta pequeno chorupingo na cama ele corre pra la pra olhar se ta doente, se ele ta adulto que ele sai pra esses bafafá festa o pai e a mãe fica ca num drome jogando a Deus por ele, so sossega a hora que ele chega que sabe que não aconteceu nada, mais tudo isso a pessoa pensa, pai e mãe é o guarda dos filhos que mais segura eles que so joga a Deus por eles. Tem aquela historia da moça

que brigou mais o pai e a mãe e saiu cospindobisoro dizendo: é, na casa de pai mais mãe eu não piso mais nunca vou sumir no mundo, ai topa um homem muntado no cavalo ela ia chorando enraivada, ele foi e falou assim: menina, o que qui você tem que ta chorando? Ela contou a historia, ele diz: menina volta pra casa de seu pai e sua mãe, casa de pai e mãe pa fia é bem melhor do que o mundo, no mundo você pode apanhar de mais sair male. Ela diz: já falei num volto de jeito nenhum. Pois é você pode arrepender. Quando ela arrependeu que é vem voltando chorando: como é que eu chego na casa de pai mais mãe se eu disse eles que num entrava la mais e agora sou obrigada chegar la. Topa o homem: o menina que qui se ta chorando? Ela foi contar a história, ele disse: aquele dia eu não lhe dei conselho, casa de pai e mãe era bem melhor pros filho de que viver pelo mundo. Ela diz: num sei oque foi aquilo não, parece que foi a tentação do capeta. Ele desceu do cavalo meteu o chicote nela: a tentação do capeta não, faz as coisas porque quer depois diga que é eu que to atentando eu lhe dei foi conselho, era o capeta bateu nela. Agora se vigia que a pessoa evita de apanhar dos pais e apanha do capeta, que o mundo tem escola de todo jeito aquele que não adoma em casa adoma no mundo, porque o mundo é diferente. Então eu acho que essa participação que se mexeu é uma coisa que poucos que quer ela.

Eu com 13 anos sai aqui no mato mais pai chego na quela caverna que tem detrás desse morro, eu passo la mais ele e ta aqueles desenho feito tudo vivim, coisa bem vivo mesmo de toda cor la eu diz: o pai quem fez isso? Ele diz: o, isso ai te muitos anos, isso ai é coisa de ante zero, naquele tempo aquilo ficou la pra mim não tinha futuro nenhum, naquele tempo que eu tinha 13 anos, então agora, hoje, a pintura do Xakriabá foi descoberta la e hoje aquilo la tem uma servidão que eles ainda encomenda que não pode deixar ninguém ir la e nem riscar la, que se riscar e descobrir processa o cara.

Entrevista 2

Segunda entrevista com Hilda Rodrigues da Silva Araújo, 34 anos, moradora da Aldeia Prata. Realizada no dia 01/07/2022

Eu sou Hilda Rodrigues da Silva Araujo tenho 34 anos sou moradora da aldeia prata,sou professora a 16 anos fiz o curso do magistério indígena na 3^a turma ofertado pela secretaria de educação do estado de Minas Gerais e a licenciatura do FIEI na habilitação ciências da vida e da natureza na UFMG no período de 2011 a 2015.

1. P= É então é a comunidade né aqui na nossa comunidade na aldeia prata né é sempre participados projeto dos trabalho de pesquisa dos alunos a comunidade sempre tem a boa vontade sempre qui o estudante procura aquela é pessoa pra da uma informação pra fazer uma entrevista né a comunidade ta sempre é presente né participando dessas pesquisa é ajudando tentando ajuda nus nas pesquisa purque vai ser uma pesquisa qui é u estudante ele faz mais ele tem aquele compromisso de trazer aquele retorno para a comunidade então assim é aquela forma de uma troca de experiência entre estudante e aquela pessoa na qual né ta transmitindo aquela informação .

2.P=È na minha opinião né us jovens hoje em dia eles tem que ta buscando essas é assim participando buscando é com as pessoas né mais velhas né da nossa comunidade do nosso território purque essas pessoas mais velhas né eles estão é são pessoas né qui é rica de conhecimento de informação né pata transmitindo néé pra nós então isso assim é uma forma qui ajuda bastante eles até eles mermo ta ampliando né u seu conhecimento como estudante.

3.P= Há é um assunto muito é vamos dizer assim né gratificante purque assim é como eu já falei aqui atraç é muito importante a participação a parceria dos trabalho né é conjunto né com a comunidade purque é a comunidade o estudante que so tem a ganha né so tem a valorizar a enriquece mais us conhecimento então é muito importante né a comunidade ta junto né nesses trabalho sempre qui o estudante procurar é determinado morado pra ta fazendo aquela entrevista né é gratificante né a pessoa poder ta transmitindo né esses esse conhecimento ta ajudando né na formação é porque é fais parte é do trabalho nosso mermo aqui da comunidade e ajuda bastante também quanto para estudante e quanto a pessoa quita transmitindo essas informação.

4.P= É o retorno queagenteespera é como agente sempre fala estudante faz aquela é determinada pesquisa mais porem né ele tem aquele retorno tem queda aquele retorno PA comunidade pus alunos em geral porque assim é ate uma forma assim da pessoa queta transmitindo esse essas informação né saber que esses trabalhos ta sendo valido né que ele vai ter essas atividade vai ser voltada novamente PA salas de aula estudante é aquela pessoa qui passo aquela entrevista aquela informação vai ter aquele conhecimento vai fica sabendo queta seno trabalhado sala de aula com us estudante e ta seno voltado pra comunidade então e muito gratificante é importante né quanto pu estudante e pras pessoa que transmitiu é essa informação .

5.P=É pode ta seno utilizado né apresentado né pode ta depende muito assim da Du organização do planejamento da pessoa que féis aquele determinado trabalho em parceria né juntamente com a escola ne pode ta marcando um dia pra ta apresentando

esses trabalhos de percursos para comunidade como aquela nossa aldeia já aconteceu né de alguns trabalho de percurso é ser apresentado na comunidade na escola para os alunos para comunidade em geral também assim é esses trabalhos também não fica não só na comunidade que desenvolveu a pesquisa pode também ta comunicando é as demais escolas do território somos 10 escolas assim sede no nosso território indígena xakriabá 10 escola sede e ai assim é importante ta tendo essa troca de de experiência de conhecimento porque ate também essas turma desses cursadas pessoas queta fazendo tem pessoa de determinado lugares né determinada aldeia determinada escola então pode ta fazendo essa troca de experiência um colega apresentando o trabalho do outro né na escola assim é gratificante isso ai agente só tem a ganha .

Resumo dos trabalhos Processando do pequi.

O trabalho nos apresenta o desenvolvimento do processamento e uso do pequi no território Xakriabá na Aldeia Caatinguinha. O trabalho foi desenvolvido pelos estudantes: Marco Antônio pinheiro da silva aldeia prata, Marli barbosa dos santos Caatinguinha e Terezinha Gomes dos santos Aldeia Morro falhado, do curso FIEI Area CSH. Embora o trabalho foi desenvolvido na aldeia caatinguinha ele conta com a colaboração e participação de outras comunidades entre elas Aldeia Prata.

Este trabalho busca valorizar o costume das práticas de sobrevivência do povo Xakriabá em relação aos frutos nativos do cerrado.

Roupas de palha tradicionais Xakriabá.

Com este trabalho a autora buscou apresentar o estudo das roupas de palha tradicionais Xakriabá. Tendo como objetivo analisar acompanhar e descrever o passo a passo de produção das roupas para manter o registro como fonte de pesquisa dessa prática. A autora destacou que as pessoas da aldeia Prata fazem uso dessas roupas, mas não tem a prática de produção das mesmas. Essas roupas de palha tradicionais Xakriabá, que são utilizadas nos momentos das apresentações culturais e eventos comemorativos, como formaturas por exemplo. Observamos a necessidade dos mais jovens aprenderem a produzirem essas roupas, para valorizar esta característica da nossa cultura, além disso as pessoas que sabem fazer as roupas muitas delas são os anciões.

Analise de uma atividade a partir do calendário sociocultural numa Escola da Aldeia indígena da Prata, povo Xakriabá.

Neste trabalho foi apresentado o estudo sobre o calendário sociocultural das atividades didáticas desenvolvido na Escola da Aldeia Prata. Este trabalho consiste em uma prática educativa desenvolvida nas escolas indígenas Xakriabá, com intensidades e proposições diferentes. Nesta prática educativa é feita a junção entre o conhecimento científico e conhecimento tradicional.

Essa proposta foi apresentada para os estudantes indígenas Xakriabá pelos professores dos cursos FIEI/PROLIND FIEI da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em 2009.

Extrativismo, agricultura e construção: A diversidade dos solos da Aldeia Prata (território indígena Xakriabá).

Com esse trabalho a autora busca apresentar a diversidade dos solos da Aldeia Prata, buscando analisar o uso desses recursos de maneira que concentrava na divisão de cada espécie, onde passei a explorar através de três conceitos, sendo eles o uso do solo para o extrativismo, agricultura e construção.

Observamos que cada recurso encontrado e desenvolvido é de acordo com cada tipo de solo.

Por exemplo o extrativismo das plantas medicinais e frutíferas se encontra no tabuleiro conhecido como gerais.

A agricultura geralmente é desenvolvida no solo da mata, onde produz com mais facilidade por ser um solo muito rico composto de misturas de solos barro e areia, entre

outros nutrientes. Geralmente os moradores costumam se desenvolver o plantio nos quintais de casa, porém em quantidades menor.

Para identificar o solo para construção é preciso trabalhar com o olhar. Isso porque os moradores tem a sua melhor visão de acordo com um solo sem desgaste e sem presença de sumidouros. Através desse olhar então se encontra o melhor terreno para construir.

Plantas medicinais da aldeia prata no território Xakriabá: resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais.

O trabalho nos apresenta o uso e conhecimento das plantas medicinais da aldeia prata, visando fortalecer e deixar registrado essas práticas tradicionais do povo Xakriabá da aldeia prata. A autora cita também a importância dos jovens darem continuidade a essa cultura do uso dessas plantas, que sempre foram utilizadas e nos passadas pelos mais velhos. Trazendo mais benefícios para as pessoas, por serem naturais. Destaca-se muito bem no trabalho as informações sobre as plantas, como seus usos, indicações, partes usadas e método de preparação.

Atualmente no território existem três aldeias que tem a casa de medicina que são na aldeia Barreiro, caatinguinha e Sumaré 1. Essas casas são formas de fortalecimento, preservação e cultivo das plantas e alimentos tradicionais do território Xakriabá.

Escola indígena Oaytomorim: relação com território Xakriabá e práticas educativas interculturais.

Com esse trabalho foi possível entender o papel da escola indígena e sua relação com o território, com o olhar voltado para a Escola Estadual Indígena Oaytomorim - Aldeia Prata – Xakriabá, em sua participação no processo de retomada das Aldeias Vargem Grande e Caraíbas, uma vez que a Escola estava envolvida nas ações incluídas como parte das práticas educativas territorializadas e interculturais, na perspectiva do calendário Sociocultural para romper com as imposições de um sistema de estado colonizador.

Sempre que necessário reunimos para discutir e planejar os assuntos das atividades a serem desenvolvidas e pesquisadas. Se surgir novas demandas pode ser mudado, pois o processo educativo não é limitado em sala de aula, tudo poderá ser relacionado com a convivência na comunidade, o tempo, o clima, o respeito ao luto, o plantio de roças,

participação em palestras e outros eventos. Além disso a Escola ainda permite em suas diversas áreas de conhecimentos, discutir e compreender os projetos sociais relacionados aos limites do território, a sustentabilidade, lutas, saúde, etc.

WaihukuXakriabá: O acervo de saber do povo Xakriabá em construção.

Este trabalho de conclusão de curso vem há nos apresenta uma sistematização do percurso de quatro estudantes indígenas Xakriabá, das aldeias Rancharia, Prata, Brejo do Mata Fome e Sumaré que coletaram, analisaram e organizaram 53 percursos acadêmicos desenvolvidos no FIEI (UFMG) no período de 2013 a 2019 e participaram da elaboração do repositório de pesquisa Xakriabá.

Os percursos foram organizados em 5 categorias: sustentabilidade, território, meio ambiente, educação e cultura. Tendo como objetivo colaborar para o arquivamento e acesso dos Xakriabá a esse rico material de pesquisa que são os percursos, principalmente nas Escolas indígenas. O acervo é uma forma de guardar o saber que é produzido nas pesquisas desenvolvidas no território Xakriabá.

RESUMO DOS LIVROS

Ailton krenak – Ideias para adiar o fim do mundo -Do sonho e da terra. 4^a pgf

É claro que durante esses anos nós deixamos de ser colônia para constituir o Estado brasileiro e entramos no século XXI, quando a maior parte das previsões apostava que as populações indígenas não sobreviveriam à ocupação do território, pelo menos não mantendo formas próprias de organização, capazes de gerir suas vidas. Isso porque a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira.

Manuela Carneiro da cunha - Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Pag.78

s. O conhecimento científico se afirma, por definição, como verdade absoluta até que outro paradigma o venha sobrepujar, como mostrou Kuhn. Essa universalidade do conhecimento científico não se aplica aos saberes tradicionais – muito mais

tole[1]rantes – que acolhem freqüentemente com igual confiança ou ceticismo explicações divergentes cuja validade entendem seja puramente local. “Pode ser que, na sua terra, as pedras não tenham vida. Aqui elas crescem e estão, portanto, vivas.”

Kanatyó pataxó 2012 - A escola pataxó MuãMimatxi.

A nossa escola é o lugar onde a comunidade busca dialogar com os temas que estão relacionados à sua vida dentro e fora da aldeia. Ela serve como base de instrução e orientação para ajudar a pensar o que é importante e fundamental para a vida da comunidade. Então, a escola tem o papel de circular dentro da aldeia. Se a comunidade não vai até a escola, por dever, a escola terá que ir até a comunidade. A escola é um bem social, cultural, e deve estar atenta para não perder de vista os interesses coletivos que garantem e fortalecem a boa convivência, o espírito associativo e cooperativo entre todos da aldeia.

Philippe Descola - outras naturezas, outras culturas – pag.7

À primeira vista, poderíamos pensar que não há dificuldade em distinguir o que diz respeito à natureza do que diz respeito à cultura. É natural tudo que se produz sem a ação humana, aquilo que existiu antes do homem e que existirá depois dele, como os oceanos, as montanhas, a atmosfera e as florestas; é cultural tudo que é produzido pela ação humana, sejam objetos, ideias ou ainda certas coisas que estão a meio caminho entre os objetos e as ideias, aquilo que chamamos de instituições: um idioma, a constituição francesa ou o sistema escolar, por exemplo. Se saio para passear pelo campo e atravesso um bosque, estou em meio à natureza. Mas se ouço um avião que passa sobre mim ou um trator nas proximidades, então esses são objetos fabricados e utilizados pelos homens, objetos, portanto, que pertencem à cultura. No entanto, essa distinção nem sempre é tão simples assim. Durante meu passeio, margeio uma cerca viva de plantas selvagens, espinheiros, aveleiras, amelanqueiros e rosas silvestres. Posso dizer que se trata de uma cerca natural, ao contrário das estacas de madeira que limitam o terreno vizinho.